



A história do curso de Comunicação Social da UFPA no contexto de formação do campo científico da Comunicação¹

LOPES, Suzana Cunha²
Universidade Federal do Pará

RESUMO

Este artigo relata e analisa a história do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará, focando na identificação de esforços particulares e institucionais para a formação de um *habitus* científico no curso. A partir de entrevistas com agentes dessa história e de análise documental, reconstituímos parte da história do curso, que foi criado em 1976, em pleno Regime Militar, período em que houve um investimento na criação de graduações na área da Comunicação no Brasil e que imprimiu um caráter mecanicista aos cursos. O contexto mais recente mostra-se preocupado em incluir na formação de comunicadores uma dimensão mais teórica e científica, que os possibilitem criticar a realidade e propor alternativas de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE

História da Comunicação; Univerisidade; curso de Comunicação Social da UFPA

1. A COMUNICAÇÃO ENTRA NA UNIVERSIDADE

A Universidade é um *locus* privilegiado e estratégico de produção de conhecimento científico e, portanto, é legitimadora de campos do saber. Ela sozinha não formata áreas do conhecimento, mas certamente dá sua contribuição para organizar e agregar capitais aos campos que conseguem se inserir nela. No caso da Comunicação não é diferente.

Marques de Melo (2008) aponta que, na história das Ciências da Comunicação, um dos fatores que contribuiu para a acumulação de certo *status* científico pela área foi a criação de cursos superiores de Jornalismo e outras habilitações da Comunicação: “no século XX, o novo campo científico ganha legitimidade, quando o ensino dos saberes profissionais e a investigação dos impactos sociais da comunicação massiva são acolhidos pela universidade e valorizados pelo sistema empresarial e pelo governo” (MARQUES DE MELO, 2008, p. 9).

A criação de cursos universitários de Comunicação, assim, promoveu vários impactos positivos para a legitimação do campo, como o cultivo de um *habitus* científico (BOURDIEU, 1983) – práticas de pesquisa aliadas ao ensino, produções

¹ Trabalho apresentado no DT 1 - Jornalismo do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

² Recém-graduada em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Pará. Atualmente, é produtora e pesquisadora da Rádio Web UFPA. Email: suzanaclopes@yahoo.com.br.



acadêmicas, formação de grupos de estudo – e a produção de capitais científicos (BOURDIEU, 1983) – publicações, projetos e prêmios.

É importante destacar também que a Comunicação chega aos centros de pesquisa a partir de uma demanda social da indústria midiática em busca de recursos humanos, dos profissionais de comunicação à procura de qualificação e da sociedade em geral, que requer conteúdos de qualidade (MARQUES DE MELO, 2003).

O Jornalismo foi a área que primeiro manifestou necessidade de estudos universitários. É assim que nasce, em 1806, o primeiro curso de Comunicação, voltado para o Jornalismo, na Universidade de Breslau, na Alemanha. Mais de meio século depois, em 1869, é criado o primeiro curso nos Estados Unidos, no Washington College, Virgínia (MARQUES DE MELO, 2008). No ambiente latino-americano, o pioneirismo da criação de cursos universitários de Jornalismo foi da Argentina, com a Escola Argentina de Jornalismo, fundada em 1934. No mesmo ano, ainda é criado o Instituto Grafotécnico, que tinha inspiração católica (MARQUES DE MELO, 2008).

O Brasil foi o responsável pela criação da terceira Escola de Jornalismo do continente, integrada à Universidade do Distrito Federal (que, na época, era o Rio de Janeiro), mas seu funcionamento só durou de 1935 a 1939 (ano em que foi extinta pela Ditadura do Estado Novo). Só em 1947, surge a primeira escola permanente de Jornalismo no Brasil, mantida pela Fundação Cásper Líbero em convênio com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (MARQUES DE MELO, 2008).

Até o final da primeira metade do século XX, o que vemos é a proliferação de Escolas de Jornalismo, tanto mundialmente como no Brasil. É a partir dos impactos sociais de outras mídias (rádio, TV, propaganda) além da imprensa, que as universidades criam cursos voltados também para outras habilitações da Comunicação³.

Inicialmente, os cursos de Comunicação foram criados para formar o contingente de trabalhadores de comunicação que o mercado midiático, em expansão, necessitava. Assim, a formação universitária na área enraizou um caráter pragmático de influência norte-americana que ainda hoje marca muito os cursos de Comunicação no Brasil. Contudo, como ressalva Marques de Melo: “a nossa vanguarda manteve-se sintonizada não apenas com os modelos norte-americanos, mas também acompanhou o desenvolvimento dos padrões europeus do ensino de jornalismo” (MARQUES DE

³ As Diretrizes Curriculares para a Área de Comunicação Social (2001) em vigor atualmente no Brasil preveem seis habilitações da Comunicação (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Cinema – também chamada de Cinema e Vídeo –, Radialismo – também conhecida como Rádio e TV – e Editoração), mas o texto deixa aberta a possibilidade da criação de outras.



MELO, 2008, p. 17), que possuía uma prática mais academicista. Em outras palavras, para além da característica puramente prática do ensino de técnicas, as universidades brasileiras também se movimentaram para a reflexão teórica da Comunicação.

Em termos de graduação, parece muito saudável exercitar o diálogo constante entre o ensino teórico e prático da Comunicação. Mas não devemos esquecer a Universidade como Instituição do Conhecimento pressupõe a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Se uma das bases desse tripé fica enfraquecida, o conjunto, por conseguinte, ficará comprometido.

É por isso que discutir os caminhos dos cursos de Comunicação Social nas universidades não pode se resumir ao ensino de teorias e práticas. A vida acadêmica não se resume a salas de aula, atividades laboratoriais e avaliações. Entremendo e qualificando o Ensino, devem estar presentes a Extensão e a Pesquisa.

A Pesquisa, em especial, é o ambiente onde reside a dimensão simbólica da Universidade como produtora de conhecimento que confere capital científico às áreas de estudo. Ao mesmo tempo, é o contexto fértil de produção de habilidades e competências científicas que proporcionam a formação de um *habitus* científico.

No âmbito das universidades, são os programas de pós-graduação que se empenham no sentido de fortalecer as pesquisas em suas respectivas áreas. Na ausência deste nível de ensino, os grupos de estudo e de pesquisa e os laboratórios são os que dão vida à produção científica. É, portanto, com a criação desses espaços próprios de Pesquisa, mais marcadamente programas de pós-graduação a partir da década de 1970, que a Comunicação começa a respirar os ares de legitimidade científica.

Todo o quadro acadêmico da Comunicação aqui apresentado serve de contexto para a análise que seguiremos a partir de agora, sobre o caso particular do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará, com todas as particularidades de ser um curso situado no contexto periférico e complexo da Amazônia. Reconstituiremos parte da história do curso e analisaremos as semelhanças e particularidades de sua trajetória em relação aos caminhos percorridos pelo campo em geral.

2. HISTÓRIA DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFPA

Por meio de entrevistas semi-estruturadas, coletamos informações, percepções e opiniões de professores, ex-alunos e técnico-administrativos que integram ou integraram



a comunidade acadêmica do curso de Comunicação Social da UFPA⁴. As conversas, compensadas as possíveis falhas de memória, revelaram aspectos da história que reunimos aqui para contar como o curso se desenvolveu. Além disso, cruzamos as informações das entrevistas com dados coletados a partir da análise documental (MOREIRA, 2009) de fontes primárias (documentos do curso, como resoluções, instruções normativas, projetos pedagógicos, planejamentos, etc) e secundárias (artigos de jornal). Assim, pudemos ter mais precisão em datas e acontecimentos.

Ressaltamos que este relato é um relato histórico que não se esgota em historicizar o curso. Nossa abordagem histórica serviu-nos de suporte para compreender o desenvolvimento acadêmico do curso, em geral, e do papel da Pesquisa, em particular, para a formação de um *habitus* científico no curso de Comunicação Social da UFPA.

Primeiros anos e década de 1980

A criação de graduações em Comunicação no Brasil voltou-se para atender a interesses políticos e mercadológicos, em um período em que se pensava a comunicação de forma mecanicista. O curso da UFPA, com as habilitações de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, foi fundado em 1976, em pleno Regime Militar, obtendo o reconhecimento do Ministério da Educação em 1981. Se, por um lado, o regime reprimia a liberdade de expressão, por outro, financiava instrumentos de comunicação que o legitimassem. Tomando a comunicação como meio de persuasão, os governos militares configuraram o caráter dos cursos de Comunicação que foram criados nessa época. A ideia era fornecer técnicas que qualificassem os profissionais de comunicação a reproduzir a ordem. Dessa forma, os primeiros currículos privilegiaram conteúdos práticos, em detrimento de um aprofundamento teórico.

Essa característica também se evidenciou no curso da UFPA, como bem aponta a professora Rosaly Brito, aluna da terceira turma e atual professora do curso:

Havia uma tendência que indicava para a criação dos cursos de comunicação porque na década de 1970 houve um “boom” das comunicações. Ao mesmo tempo que censurou com “mão de ferro” a imprensa escrita, as artes e todas as expressões da cultura, o regime militar investiu pesadamente no sentido da criação de uma infra-

⁴ Os entrevistados foram: Luciana Miranda, Netília Seixas, Otacílio Amaral, Scarleth O'hara e Juana Bertha (atuais professores e alguns deles também ex-alunos do curso); Antônia Ferreira e Telma Ferreira (técnicas da universidade que trabalharam ou ainda trabalham na secretaria do curso); Adelaide Oliveira (ex-aluna da década de 1990). Tentamos contato com outros agentes do curso, mas, devido à indisponibilidade de tempo de alguns possíveis entrevistados e o prazo que dispúnhamos para a conclusão deste artigo, não pudemos conversar com mais pessoas em tempo hábil.



estrutura de telecomunicações no Brasil. Essa década é muito marcante do ponto de vista da midiaticização do país. No fim da década de 1960, em 1967, o Brasil assinou o protocolo do Intelsat, o sistema de transmissão via satélite. Em 1969 foi criado o Jornal Nacional. Então, a década de 70 é uma década de fortalecimento da indústria das comunicações no Brasil e de uma indústria cultural de maneira geral porque era interessante para o regime ter esse aparato que falasse massivamente para a população (BRITO *apud* FERREIRA, 2007).

O corpo docente inicial do curso era formado primordialmente por profissionais que saíram do mercado para ocuparem cadeiras na Universidade, a maioria deles apenas com o título de graduado. A existência de mestres e doutores na área da Comunicação era ainda mais escassa do que hoje. A oferta de cursos de pós-graduação (que só começa na década de 1970, em nível de Mestrado, e na de 1980, em nível de Doutorado), além de ser pequena, ainda estava muito concentrada nas regiões Sudeste e Sul. Portanto, era muito difícil encontrarem-se professores com pós-graduações no Pará que pudessem ocupar cadeiras no Curso de Comunicação Social da UFPA.

Diante dessa escassez, a Universidade faz o convite a três professores visitantes⁵ que já possuíam Mestrado para que o curso pudesse ser reconhecido pelo MEC, em 1981 (na época, um dos critérios para o reconhecimento dos cursos pelo Ministério era que eles contassem com, no mínimo, três professores mestres). Também na década de 1980, após formar as primeiras turmas, o curso absorveu ex-alunos que se investiram a exercer a docência. No geral, inicialmente, o quadro docente era pouco qualificado, fato que imprimiu ao curso um caráter mais de Ensino do que de Pesquisa e Extensão, nesse período. Em entrevista a nós concedida, a professora Juana Bertha Loayza (2010), uma das professoras visitantes convidadas pela Universidade e que acabou permanecendo até hoje no curso, falou sobre as condições do exercício da docência no curso nos anos 80:

Nós, professores do Curso de Comunicação, dedicávamos, como é meu caso, 40 horas ao ensino. Praticamente não tínhamos tempo para pesquisa e menos para extensão. Precisamente pelo reduzido número de professores. Isto limitava qualquer tipo de licença para qualificação e participação de eventos. A participação de eventos muitas das vezes foi feita com autofinanciamento (LOAYZA, Entrevista, 2010).

Em termos de Projeto Pedagógico, o curso teve seu primeiro currículo aprovado pela Resolução nº 399, de 21 de janeiro de 1977, do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA (Consep). A grade curricular tinha um perfil generalista e

⁵ Os professores visitantes eram Juana Bertha Loayza, Américo Pellegrini Filho e Maria Luiza Martins de Mendença.



pragmático. As disciplinas eram agrupadas em dois ciclos, o básico, sendo comum a todos os cursos das áreas de Letras e Artes, e o profissional específico, sendo formado por disciplinas de formação básica para as duas habilitações e de formação profissional e específica. Os cinquenta alunos que ingressavam todos os anos via processo seletivo da Universidade cursavam dois anos de conteúdo geral e só na passagem para o terceiro ano escolhiam em que habilitação gostariam de graduar-se.

Esse currículo foi melhor definido pela Resolução nº 669 do Consep, de 05 de agosto de 1980. Nele, já passou a constar a relação de disciplinas obrigatórias tanto da matriz comum como específica. Assim, vemos, por exemplo, que os primeiros alunos do curso estudavam disciplinas como “Noções de Economia”, “Problemas Sócio-Econômicos Contemporâneos”, “Língua Estrangeira Básica”, “Estudo de Problemas Brasileiros”, dentre outras que formavam o ciclo básico; e tinham aula de “Administração de Empresa Jornalística” ou “Administração Mercadológica”, dentre outras do ciclo profissional. Na Resolução de 1980, também passou a constar a obrigatoriedade da Educação Física e do Trabalho de Conclusão de Curso, na época, produzido nas disciplinas “Projetos Experimentais em Jornalismo” e “Projetos Experimentais em Publicidade e Propaganda”.

O conteúdo teórico do curso, como se pode perceber, era primordialmente ministrado por outras áreas, como a Economia, as Ciências Sociais e as Letras. O próprio abrigo do curso no então Departamento de Artes e Comunicação (DAC), que também abrigava o curso de Educação Artística, já é um fato demonstrativo de que a Comunicação não possuía uma formatação autônoma agregando conteúdos diversos – sem que se efetivassem correlações –, tampouco tinha uma matriz teórica própria que estivesse na base da formação dos graduandos.

Em termos de estrutura administrativa, o curso era dividido em duas instâncias coordenadas por professores: o Departamento, que cuidava de assuntos referentes aos docentes, e o Colegiado, mais voltado ao atendimento do alunado.

Quanto à estrutura física, o curso iniciou de forma muito precária. Os únicos laboratórios existentes eram de impresso e fotografia. Só em 1981 foram adquiridos alguns equipamentos de gravação de áudio, mas ainda muito aquém do necessário para dar suporte ao curso. Em entrevista que nos foi concedida, o professor Otacílio Amaral (2010), que também foi aluno do curso na década de 1980, declarou que as disciplinas práticas ofereciam, na verdade, um ensino da teoria da prática, que consistia em ensinar a prática só a partir da teoria, sem o experimento:



A gente aprendia a teoria da prática, que era um formato pedagógico que a física usava, a Biologia usava. Só que eles aprendiam primeiro a teoria da prática e depois iam para o laboratório. Nós fazíamos só a teoria da prática porque não tínhamos laboratórios. Quando começaram a chegar professores mais especializados, profissionais do mercado, eles traziam o equipamento deles para a gente treinar (AMARAL FILHO, Entrevista, 2010).

A estrutura do início do curso da década de 1970 permaneceu durante praticamente toda a década de 1980. Em 1986, foi formada, então, uma comissão com a participação de professores e alunos para a construção de um Planejamento para o curso (DEPARTAMENTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DA UFPA, 1986). Nesse documento, estava contido também um diagnóstico geral que registrou as precárias condições de pessoal e de infraestrutura do curso. A comunidade acadêmica era formada por um funcionário, 14 professores regulares (4 mestres, 2 mestrandos, 5 especialistas e 3 bacharéis) e 232 alunos regularmente matriculados. O currículo foi avaliado como insuficiente para a formação integral dos estudantes. O espaço físico foi considerado inadequado para o desenvolvimento das atividades do curso. As condições de ensino eram prejudicadas tanto pela falta de equipamentos como de bibliografia disponível na biblioteca central, e não existiam projetos de pesquisa e de extensão no curso (DEPARTAMENTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DA UFPA, 1986).

A partir dessa realidade foi elaborado um Plano para o curso (DEPARTAMENTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DA UFPA, 1986) que teve como metas a implantação de um novo currículo, a promoção de uma Especialização em Comunicação e a aquisição de salas e equipamentos mais adequados às necessidades das aulas teóricas e práticas (no eixo Ensino); a criação de projetos de pesquisa, com bolsas de iniciação científica, e de uma Câmara de Pesquisa que coordenasse esse tipo de atividade no curso (no eixo Pesquisa); e a promoção de atividades extensionistas (no eixo Extensão); dentre outras proposições.

Apenas algumas metas foram alcançadas. A mudança curricular ocorreu em 1988, no processo de redemocratização do país, e começa a introduzir um novo aspecto ao curso. A Resolução n. 1.706 do Consep, de 16 de dezembro de 1988, incorpora à formação básica comum às habilitações conteúdos teóricos específicos da área da Comunicação. São criadas as disciplinas de “Teoria da Comunicação” (em 4 edições) e



“Metodologia de Pesquisa em Comunicação”. Surgem também disciplinas específicas de foto, rádio e telejornalismo, projeto gráfico e edição.

Em termos de pesquisa e extensão, o curso teve experiências bastante pontuais. Em 1989, inicia-se uma série de pesquisas de opinião coordenadas pela professora Juana Bertha Loayza, que envolveu cerca de 30 alunos, dentre bolsistas e voluntários.

Década de 1990

Na década de 1990, vários acontecimentos vão imprimir nova dinâmica ao curso. Logo em 1990 é promovida a primeira prática de pós-graduação, com a oferta da Especialização em Teoria e Metodologia da Comunicação. Apesar de só ter havido uma edição (que se estendeu até 1992), a especialização foi uma oportunidade de estabelecer vínculos com pesquisadores de renome nacional, como os professores Albino Rubim, Fausto Neto e Sérgio Porto, que ministraram aulas na condição de visitantes. “O curso foi um grande motivador de estabelecer contatos e de começar essa cultura do aperfeiçoamento em pós-graduação”, declarou a professora Netília Silva dos Anjos Seixas (2010), em entrevista a nós concedida. Anteriormente, o cenário de mestres em Comunicação era bastante reduzido e, a partir do curso, várias pessoas partem para novas qualificações em nível de mestrado e depois doutorado.

Em 1991, há a tentativa de se criar um Laboratório de Pesquisa Permanente, mas o empreendimento não vigora. No mesmo ano, é fundado o projeto Academia Amazônia, até hoje existente. Trata-se de uma produtora de audiovisual que oferecia estágio para os alunos do Curso de Comunicação Social. Inicialmente, era produzido um programa semanal de divulgação científica sob o mesmo título do projeto, com trinta minutos de duração, veiculado em rede aberta nacional pela TV Educativa. Por volta do ano 2000, essa produção deu lugar ao Minuto da Universidade, programa televisivo de um minuto, que seguiu o caráter de divulgação científica do primeiro e continuou sendo exibido em rede aberta, porém, com o tempo reduzido.

Em 1992, motivados pelo processo de interiorização da Universidade, são criados cursos de extensão na área de Comunicação. Os professores da graduação ministravam cursos e oficinas de curta duração para a comunidade de vários municípios paraenses, como Altamira, Santarém, Marabá e Abaetetuba, atendendo a uma demanda que crescia ao passo que jornais e rádios eram instalados nessas cidades. Essa experiência foi desenvolvida durante parte da década de 1990, sendo interrompida pela impossibilidade de compatibilizar essas atividades com outras demandas do curso.



Os estudantes de Publicidade e Propaganda tinham uma oportunidade particular de envolver-se em projetos na Universidade. Em 1995, foi criada uma Agência de Publicidade Interna, que se constituiu como um espaço de experimentação e, em certa medida, praticava extensão oferecendo serviços de publicidade para órgãos da UFPA.

Em termos de pesquisa, o curso teve experiências pontuais, além da série de pesquisas de opinião iniciada no final dos anos 80 e que se estendeu até 1994, como mencionamos anteriormente. Professores que ingressaram no quadro docente do curso na segunda metade da década de 1990, aliados a outros que já estavam na Universidade, criaram projetos de pesquisa que envolveram os alunos da graduação. Foi o caso do projeto “Os 70 anos do Rádio em Belém” (1998-1999), da professora Luciana Miranda, e do “Identificação e estudo de fenômenos, dinâmicas e paisagens culturais híbridas na cidade de Belém” (1995-1999), dos professores Fábio Castro e Rosaly Brito. Congregando estudantes, as pesquisas motivaram estudos teórico-exploratórios que resultaram em diversos TCC’s. Por volta de 1996, ainda foi criado um Núcleo de Pesquisa em Marketing, que realizava pesquisas de mercado e de opinião contratadas por empresas ou órgãos de dentro da Universidade.

Esses esforços de dinamização do curso, contudo, eram bastante pontuais e desarticulados, não constituíam vontades institucionais e sim dependiam de iniciativas individuais de alguns professores e alunos. Certamente, contribuíram para a qualidade na formação dos estudantes que se envolviam nesses projetos, mas não deram conta de levar, em um primeiro momento, tal qualidade ao curso como um todo.

A redemocratização do país, que significou novas esperanças de melhoria do ensino superior, mostrou-se frustrante na medida em que desencadeou um processo progressivo de sucateamento das universidades públicas. A década de 1990 também foi marcada pelo desenvolvimento exponencial de novas tecnologias da comunicação, complexificando instrumental e socialmente os processos comunicativos.

A infraestrutura precária do curso na UFPA não conseguia acompanhar os avanços tecnológicos e, o que é pior, o currículo mostrava-se cada vez mais defasado, pois permanecia baseado na antiga visão mecanicista da comunicação, enquanto a sociedade demandava novas abordagens, formações e competências.

Essa conjuntura negativa resultou no baixo conceito do curso quando da sua primeira avaliação feita pelo MEC em 1996. Laboratórios e currículo receberam o conceito insuficiente; somente o quadro docente foi avaliado como muito bom. Após essa avaliação, o curso entrou em crise com a ameaça de ser fechado. Só havia duas



alternativas nesse momento: permitir o fechamento do curso ou constituir uma força-tarefa para efetivar as mudanças profundas há muito demandadas.

A segunda opção foi abraçada pelos professores que se reuniram e elaboraram, em 1997, um planejamento estratégico (DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA UFPA, 1997). As medidas propostas para o biênio 1998-1999 apontaram para 5 programas: de Qualificação e Pesquisa; de Atualização dos Laboratórios; de Ampliação do Quadro Docente; de Reformulação Curricular; e de Atividades de Extensão.

Anos 2000

Reivindicando do MEC e da administração superior da UFPA os investimentos mínimos para revigorar o curso a partir dessas metas, inicia-se uma reestruturação física não só com reformas espaciais como com a aquisição de equipamentos mais modernos. São criados dois laboratórios de informática, que substituíram o uso das máquinas de datilografar pelo de computadores, e foram construídos estúdios de televisão e de rádio.

Os professores trabalharam também na reformulação do Projeto Pedagógico do curso baseados no próprio redirecionamento das Diretrizes Curriculares Nacionais de 2001. Após longas discussões, foi implantado, em 2002, o novo PPC de Comunicação (DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA UFPA, 2002), cujo currículo foi aprovado pela Resolução n. 3.057 do Consep, de 12 de junho de 2003.

A partir desse currículo, foram realizadas profundas mudanças na estrutura do curso, a começar pelo seu sistema de ingresso, que passou a dividir as vagas, já no vestibular, para as habilitações de Jornalismo (oferta de 30 vagas) e de Publicidade e Propaganda (oferta de 20 vagas). O horário de funcionamento do curso passou a ser matutino, das 8h às 14h, facilitando que os alunos pudessem realizar estágio dentro e fora da Universidade. Foi implantado o sistema de oferta de disciplinas em blocos, em que existe um planejamento das disciplinas que serão ofertadas em cada semestre.

Para além de transformações administrativo-acadêmicas, o novo PPC definiu princípios teórico-metodológicos fundamentais para a reconfiguração do curso no decorrer dos anos 2000: a superação da visão puramente instrumental da comunicação; o redirecionamento da formação teórica, até então generalista, para a compreensão da mídia e da sociedade contemporânea a partir do olhar da Comunicação; e a indissociabilidade entre teoria e prática.

A fim de dar conta dessas pretensões, montou-se uma grade curricular em que a oferta de disciplinas teóricas e práticas acontecesse desde o primeiro semestre do curso.



Dessa forma, os estudantes poderiam desenvolver as habilidades e competências necessárias para integrar esses dois eixos ao longo de toda a formação acadêmica.

Nesse sentido, foram criados os laboratórios específicos de cada habilitação, que tinham por obrigação exercitar e experimentar a produção de conteúdos nas mais diversas mídias, ter acesso a mais de um professor e aplicar os conhecimentos teóricos em produtos finais⁶. As disciplinas teóricas obrigatórias passaram a priorizar o estudo interdisciplinar, mas com o foco na Comunicação⁷. Houve também um avanço na oferta de disciplinas optativas, que, a partir de então, tanto podiam ser buscadas em outros cursos afins como passaram a ser ofertadas pelo próprio curso, possibilitando ao estudante ter acesso a uma formação mais voltada para a área comunicacional⁸. São incluídas ainda atividades complementares, que proporcionaram a participação dos alunos em atividades extracurriculares ofertadas pelo próprio curso com o objetivo de apresentar ou aperfeiçoar conteúdos teóricos e práticos. Além disso, altera-se a estrutura do Trabalho de Conclusão de Curso, imprimindo outra dinâmica de produção e instituindo a obrigatoriedade de defesa do trabalho diante de uma banca examinadora.

A qualificação dos professores foi outra meta apontada pelo planejamento estratégico de 1997 que visava a elevar qualidade do Curso de Comunicação Social em médio prazo. Abriram-se concursos para docente efetivo no final da década de 1990, em alguns casos, admitindo professores com Mestrado. Para o quadro que já estava no curso, foi aberta a oportunidade de fazer o Mestrado Interinstitucional em Comunicação e Cultura Contemporâneas, promovido em 2000 pelo próprio curso da UFPA em parceria com a Universidade Federal da Bahia. Os professores que não ingressaram nesse Mestrado, puderam ser liberados para qualificarem-se em outras pós-graduações, inclusive doutorados. Com isso, na primeira metade dos anos 2000, o quadro docente do curso já era formado primordialmente por mestres e doutores.

Quando os professores começam a retornar de suas qualificações, outros tipos de experiências acadêmicas para além da sala de aula foram possíveis. Em 2003, por exemplo, é criada a Oficina de Criação, uma espécie de agência publicitária com caráter

⁶ Surgem, por exemplo, os laboratórios de Introdução ao Jornalismo, Jornalismo Impresso I e II, Radiojornalismo, Telejornalismo, Jornalismo Digital e Novas Mídias e Comunicação Institucional (para os alunos de Jornalismo) e os laboratórios de Introdução ao Marketing e Propaganda, Criação Publicitária I e II, Planejamento de Mídias, Produção em Mídias Impressas e Produção em Mídias Eletrônicas I e II (para os alunos de Publicidade e Propaganda).

⁷ Exemplos: “Comunicação, Cultura e Sociedade”, “Teorias da Comunicação”, “Comunicação e Teorias da Linguagem”, “Teorias da Cultura e do Contemporâneo”, “Estética da Comunicação”, “Estudos de Temas Contemporâneos” e “Estudos de Temas Amazônicos I e II”.

⁸ Como exemplos, podemos citar as disciplinas “Comunicação e Política”, “Marketing Cultural”, “Literatura e Comunicação”, “Comunicação e Ciência”, etc.



extensionista, que também se propõe a ser um laboratório de ensino-aprendizagem para os alunos de Publicidade e Propaganda.

O contexto político nacional dos anos 2000 foi importante na reestruturação das universidades públicas, voltando-se a ver investimentos nos cursos de graduação e pós-graduação e nas áreas de Pesquisa e Extensão. Em 2005, por exemplo, por meio do Programa de Modernização das Instituições Federais de Ensino Superior, do Ministério da Educação, o curso reinaugurou seis salas que passaram por reformas, inclusive com a aquisição de equipamentos de rádio e TV (BEIRA DO RIO, 2005).

O cenário da Comunicação, por sua vez, entra em fase de maior reflexão interna. A Pesquisa em Comunicação ganha cada vez mais demandas e o Curso de Comunicação Social da UFPA não se viu livre dessa necessidade. São criados grupos de pesquisa e novos projetos conseguem financiamento da Universidade ou de agências de fomento à pesquisa. O curso também passa por novas experiências de pós-graduação *lato sensu*, com a oferta da Especialização em Cultura e Midiologia das Sociedades Contemporâneas (1999/2000), da Especialização em Imagem e Sociedade – Estudos sobre Cinema (2004/2005) e da Especialização em Imagem e Sociedade (2006/2007).

Esses cursos prepararam o caminho para o envio de proposta à Capes (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) para a criação de um Programa de Pós-Graduação em Comunicação em nível de Mestrado, no ano de 2005. A empreitada não obteve sucesso nesse primeiro momento. O projeto, então, foi reestruturado e reencaminhado à Capes em 2009, sendo aprovado em 2010. A primeira turma já entrou em funcionamento no segundo semestre desse ano.

Em 2005, a partir de um contrato feito com a Prefeitura de Parauapebas, interior do Estado do Pará, foi ofertada uma edição do curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, no município. Com duração de 4 anos, o curso possuía a mesma grade curricular do curso da capital, com a diferença de que a oferta das disciplinas era modular, ministradas de forma intensiva e isolada em períodos de duas, três ou quatro semanas.

Em 2008, uma mudança administrativa da Universidade transformou o então curso de Comunicação Social (composto por Departamento e Colegiado) em Faculdade de Comunicação, centralizando a administração do curso nas figuras de um diretor e um vice-diretor eleitos pela comunidade acadêmica a cada dois anos.

Mais recentemente, o curso ainda teve sua primeira experiência de educação a distância, coordenando na UFPA, em parceria com a Assessoria de Educação a



Distância da Instituição, o Programa de Educação Continuada Mídias na Educação, da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e da Capes. De 2006 a 2008, foram promovidos cursos em nível de extensão em Mídias na Educação para professores das redes municipal e estadual de ensino básico. Em 2009 e 2010, foi promovido o curso em nível de especialização.

Hoje, o curso se encaminha para a diversificação de suas atividades tanto de Ensino e Extensão como de Pesquisa. Está sendo elaborada a reformulação do Projeto Pedagógico do curso; há o maior incentivo à produção de artigos científicos por discentes nas disciplinas; está crescendo a quantidade de trabalhos científicos apresentados em congressos pelos alunos; novos projetos de pesquisa e extensão estão sendo criados e outros estão se fortalecendo; estudantes estão criando grupos de estudo e atividades extensionistas por iniciativa própria; e está em desenvolvimento o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia.

3. A HISTÓRIA CONTINUA

A trajetória currículo-pedagógica do curso reflete nitidamente a própria trajetória do pensamento comunicacional e a história acadêmica da Comunicação. Inicialmente, a dimensão instrumental, funcional, prática da comunicação, efervescente nas teorias da Comunicação e na sociedade, vai refletir na criação de cursos superiores na área voltados para a formação técnica de profissionais para atuarem no mercado de comunicação em expansão no país.

Posteriormente, com a redemocratização do Brasil, uma série de legislações norteará mudanças de concepção tanto dos processos comunicativos (principalmente os midiáticos) como dos perfis dos cursos universitários. Tais mudanças conceituais, contudo, encontraram dificuldade para se efetivarem na prática devido ao processo de sucateamento das universidades públicas brasileiras na década de 1990. Esse processo só começará a dar frutos verificáveis nos anos 2000, quando do aumento dos investimentos públicos nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Ao mesmo tempo, as práticas e teorias comunicativas e educacionais reavaliaram o papel do receptor/aluno, que é elevado ao status de ser crítico e produtor de cultura. É então que os estudantes de Comunicação são impelidos a construir sua própria formação, desde a escolha de disciplinas até a autonomia para buscar o conhecimento com os próprios esforços.



A história do curso de Comunicação Social da UFPA aqui contada não é completa. Certamente, muitos detalhes foram esquecidos pela memória dos entrevistados e outros estão guardados com outras pessoas que não foram consultadas nesta pesquisa. Os documentos e artigos de jornais lidos também não deram conta de destrinchar por completo os caminhos até aqui percorridos pelo curso.

Nossa proposta, contudo, não pretendia dar por encerrada essa narrativa, e sim, humildemente, sistematizar e registrar alguns acontecimentos da história do curso para compreendermos melhor o desenvolvimento de uma questão em particular: a pesquisa e a cultura científica, ou a ausência delas no curso. Conseguimos identificar alguns empreendimentos nesse sentido, em um primeiro momento, manifestos de forma pontual e isolada e que, mais recentemente, têm se potencializado. A continuidade da história nos possibilitará novas reflexões.

REFERÊNCIAS

Artigos e livros

BEIRA DO RIO. Comunicação Social inaugura laboratórios. Belém, n. 30, jun./jul. 2005. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/beiradorio/novo/index.php/2005/53-edicao-30/615-comunicacao-social-inaugura-laboratorios>>. Acesso em: 20 nov. 2010, 14h32.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais. p. 122-55.

FERREIRA, Tatiana. **Curso de Comunicação Social faz 30 anos**. Beira do Rio. Belém, n. 48, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/beiradorio/arquivo/beira48/noticias/noticia8.html>>. Acesso em 02 jun. 2009, 20h48.

MARQUES DE MELO, José. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **História Política das Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2008.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009. p. 269-79.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Documentos

COORDENADORIA DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFPA. **Resolução n. 01/2003**. Belém: UFPA, 2003.



COORDENADORIA DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Resolução n. 02/2006**. Belém: UFPA, 2003.

DEPARTAMENTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DA UFPA. **Plano da Unidade: Comunicação Social Departamento de Artes e Comunicação**. Belém: DAC/UFPA, 1986.

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA UFPA. **Planejamento Estratégico para o biênio 1998-1999**. Belém: DECOM/UFPA, 1997.

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA UFPA. **Projeto de Reestruturação do Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social**. 2002. Disponível em: <<http://www.facom.ufpa.br/wp-content/uploads/2010/04/Projeto-de-reestruturacao-curricular-PPC-Comunicacao-Social.pdf>>. Acesso em 06 de novembro de 2010, 17h31.

DIRETRIZES Curriculares para a Área de Comunicação Social e suas Habilitações. In: BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 492/2001, p. 14-21. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em 05 de novembro de 2010, 21h20.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Resolução n. 399/Consep, 1977 – **Currículo do Curso de Comunicação Social**. Belém: UFPA, 1977.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Resolução n. 669/Consep, 1980 – **Currículo do Curso de Comunicação Social**. Belém: UFPA, 1980.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Resolução n. 1.706/Consep, 1988 – **Currículo do Curso de Comunicação Social**. Belém: UFPA, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Resolução n. 3057/Consep, 2003 – **Currículo do Curso de Comunicação Social**. Belém: UFPA, 2003. Disponível em: <http://www.ufpa.br/sege/boletim_interno/downloads/resolucoes/consepe/2003/Microsoft%20Word%20-%203057.pdf>. Acesso em: 21 de novembro de 2010, 02h39.

Entrevistas

AMARAL FILHO, Otacílio. Entrevista. Entrevistadora: Suzana Cunha Lopes. Belém, 2010. Entrevista concedida para a elaboração do trabalho “Os dilemas da adolescente Comunicação. Identificando os esforços para a formação de um *habitus* científico no curso de comunicação da UFPA”.

LOAYZA, Juana Bertha. Entrevista. Entrevistadora: Suzana Cunha Lopes. Belém, 2010. Entrevista concedida para a elaboração do trabalho “Os dilemas da adolescente Comunicação. Identificando os esforços para a formação de um *habitus* científico no curso de comunicação da UFPA”.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Entrevista. Entrevistadora: Suzana Cunha Lopes. Belém, 2010. Entrevista concedida para a elaboração do trabalho “Os dilemas da adolescente Comunicação. Identificando os esforços para a formação de um *habitus* científico no curso de comunicação da UFPA”.